

Um ensaio sobre a materialização das percepções de força entre praticantes do esporte de escalada¹

Virgínia Squizani Rodrigues - PPGAS/UFSC/Santa Catarina ²

Resumo: Este trabalho olha para as práticas corporais de pessoas praticantes do esporte de escalada em rocha. Inspirado no pensamento de Judith Butler (2011) que elabora sobre a *materialidade do sexo* e denuncia os processos de ontologização desse, procurou-se olhar para aquilo que é visto como natureza (neste caso em específico, a força anatômica do corpo), como algo que também é construído. Afinal, seria muito arriscado dizer que a percepção dos modos como diferentes técnicas corporais são aplicadas ao longo de nossas vidas, por vezes, são apagadas e, portanto, ontologizadas a ponto de nos fazer crer que exista uma "força natural" do corpo masculino que inexistiria no corpo feminino? Neste trabalho, esta e demais questões são exploradas através do esporte de escalada que se mostra como um excelente campo para pensar o corpo e, a partir deste, o estar e o operar no mundo.

Palavras-chave: corpo, gênero, escalada esportiva.

Este ensaio olha para as práticas corporais de pessoas praticantes do esporte de escalada em rocha a partir de uma perspectiva das *técnicas corporais* propostas por Marcel Mauss (2017), bem como o conceito de *corporeidade* proposto por Thomas Csordas (2008) e algumas inquietações provocadas pela leitura de *Bodies that matter* (2011) da filósofa Judith Butler e pela proposta da *valência diferencial dos sexos* de Françoise Héritier (1996). Localizo, primeiramente, algumas observações a fim de conferir uma ilustração da prática de escalada esportiva enquanto fundo etnográfico e, em seguida, delibero acerca dos modos *como a percepção de força se materializa nos diferentes corpos*, assim como por eles é materializada. Entretanto, é preciso ressaltar que o "pano de fundo etnográfico" se trata de um exercício quase pessoal, que beira o que se poderia considerar uma "auto etnografia".

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Bolsista CAPES e Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina.

Portanto, este ensaio conta, tanto com minhas experiências pessoais, quanto com experiências, ainda que expostas de modo difuso, de outros participantes - homens e mulheres - da escalada que foram comigo compartilhadas por meio de diálogos informais durante o cotidiano.

Desejo, com a questão de uma técnica corporal que visa a maestria de uma combinação de resistência, concentração e equilíbrio, debater menos o corpo atravessado pelo dualismo natureza x cultura, e mais propor a pensar *o que a percepção de força corporal pode nos dizer sobre a materialização da valência diferencial dos sexos* (HÉRITIER, 1996) em corpos das sociedades complexas.

A prática de escalada como objeto

É preciso esclarecer que este ensaio baseia-se em observações que provém de um ponto de vista bastante particular desta pessoa que vos escreve. Eu, enquanto praticante há dois anos do esporte de escalada, tenho realizado o que se pode considerar uma *participação observante* (DURHAM, 1986) desse esporte e das relações que se estabelecem entre os demais praticantes, com seus diferentes níveis de habilidade. Sendo um esporte que intercala momentos breves de ação e longos momentos de descanso, arrisco considerar que se trata de um esporte também contemplativo que, para uma pesquisadora iniciante de antropologia e de estudos de gênero, se revelou como *bom para pensar* algumas questões relacionadas à *valência diferencial dos sexos* e das relações de gênero que daí provém.

Além de manter um olhar atento para as relações de sociabilidade travadas entre os praticantes de escalada que, diga-se de passagem, revela-se um esporte bastante dominado por homens, tem me sido inquietante pensar o corpo como algo que se constrói continuamente também através das técnicas que o esporte exige. Porém, antes de explorar teoricamente algumas questões, acredito ser importante localizar minhas observações, bem como prover informações acerca dos diferentes níveis e modalidades do esporte em questão. Devo frisar, também, que os diálogos que mantive tanto com escaladores profissionais, amadores e/ou iniciantes, foram todos informais. Assim sendo, é possível

considerar que a pesquisa se deu muito mais nas memórias de minhas experiências vividas (VENSON; PEDRO, 2012) do que entre escaladores.

A prática de escalada consiste no ato de subir blocos de rochas e falésias e engloba diferentes modalidades que envolvem variados graus de dificuldade e, conseqüentemente, diversos usos de corpos e equipamentos. A minha experiência se limita à escalada esportiva em rocha (ao ar livre) e à escalada de tipo *boulder indoor*, as quais serão aqui retratadas. Os equipamentos básicos de ambas as modalidades são o uso de sapatilha e magnésio. A sapatilha, feita de sola de borracha, tem o objetivo de conferir maior precisão às pisadas e maior aderência à rocha, enquanto o magnésio aplicado às mãos visa diminuir qualquer umidade ou suor que faria com que mãos escorregarem de *agarras*³.

A escalada em rocha também requer o uso de equipamentos como *cadeirinha de segurança, cordas dinâmicas, mosquetões, freios ATS, costuras* etc. Os quais não poderei me alongar em explicações detalhadas neste momento por limitações de espaço, mas que devem ser levados em consideração para a compreensão da complexidade e necessidade de investimento, também financeiro, que o esporte exige⁴. Apesar de ser considerada por alguns praticantes como uma atividade física individual, por questões de segurança, a escalada em rocha requer que seja praticada em dupla. Pois enquanto uma pessoa realiza a escalada, a outra permanece em solo conferindo segurança, estando ambas presas uma a outra pela corda dinâmica atrelada às *cadeirinhas e mosquetões*.

Enquanto a escalada em rocha implica em subir as chamadas *vias*⁵, que podem variar de 10 metros até mais de 200 metros de altura, e demanda o uso de equipamentos de segurança; a escalada em *boulder*⁶ se limita a subida de blocos de rocha menores, de no máximo cinco ou sete metros de altura, sem o uso de cordas ou demais equipamentos. Tanto a escalada esportiva, quanto a escalada de tipo *boulder* podem ser realizadas ao ar

³ Agarra: saliência na pedra utilizável como apoio para pés e/ou mãos durante a progressão da escalada. Disponível em: <<http://www.trilhaseaventuras.com.br/termos-tecnicos-usados-na-escalada/>> Acesso em: 17 jul. 2018

⁴ A título de exemplo do nível de investimento necessário: Uma sapatilha de escalada varia entre R\$150 a R\$600,00, assim como uma corda dinâmica pode variar entre R\$800,00 a R\$1.000,00.

⁵ Via: rota de escalada definida, já feita por alguém. Disponível em: <<http://www.trilhaseaventuras.com.br/termos-tecnicos-usados-na-escalada/>> Acesso em: 17 jul. 2018

⁶ “O boulder é uma das modalidades da escalada em rocha, praticada sem o uso dos equipamentos de segurança convencionais como cordas e mosquetões. O boulder consiste em escalar pequenos blocos de pedras, geralmente com altura não superior a 6 metros, onde os movimentos para finalizar o boulder são geralmente de extrema dificuldade técnica e exigem força”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Boulder>> Acesso em: 17 jul. 2018.

livre ou em academias *indoor*. Para além da escalada em rocha, que pratico em *top rope*⁷, frequento uma academia de escalada *indoor* na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, onde é possível realizar a prática do esporte de modo individual e seguro, uma vez que o muro de escalada não atinge mais que três ou quatro metros de altura e o chão é protegido por colchões e *crashpads*⁸.



Imagem 1: Foto realizada no encontro de escalada em rocha na cidade de Alfredo Wagner, SC em junho de 2018, do qual eu participei. Aqui é possível observar como se organiza a dinâmica entre a pessoa que escala e a pessoa que confere segurança.

⁷ Top-rope. “Top-rope = Corda em cima (tradução literal). Processo de escalada em que a corda que dá segurança ao escalador é presa acima do usuário. A outra ponta da corda (que não está presa ao escalador) é em geral utilizada pelo escalador que dá segurança”. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Top-rope>> Acesso: 17 jul. 2018.

⁸ Colchão específico para o amortecimento de quedas na prática de escalada em *boulder*. Pode ser facilmente transportado para ser alocado abaixo de rochas específicas.

A primeira vez que tive contato com a escalada em rocha foi através de um amigo que já escala há mais de 20 anos e que havia me convidado para “experimentar algo de diferente”⁹. Em Florianópolis existem alguns setores de escalada, sendo um deles no Morro da Cruz. Cada setor possui uma série de vias com diferentes *gradações de dificuldades*¹⁰ que podem variar do grau 5 até grau 11, dependendo do sistema de classificação utilizado. Na medida em que a pessoa avança na prática e mais forte se torna, mais *vias* é capaz de escalar. Inicialmente, porém, é bastante comum que a pessoa tenha o primeiro contato com a rocha através de um *top rope*. Nesse caso, uma pessoa mais experiente já *guiou a via*¹¹ uma primeira vez, instalou uma corda no topo final e possibilitou a prática da escalada mais segura para uma pessoa iniciante. Uma vez que, em caso de queda, a pessoa que está escalando fica suspensa pela corda atrelada ao *seg*¹². *Subir de top rope*, entretanto, significa depender de escalar junto com pessoas mais experientes e possuidoras dos equipamentos necessários. De modo que a maioria dos outros iniciantes com quem tive contato, experimenta a prática da escalada pela primeira vez em academias *indoor* que exigem menos equipamentos e conferem maior independência para se realizar a prática.

É a partir deste espaço de escala *indoor* que me surgiram algumas questões relacionadas a corpo, gênero e percepção de força. Assim como na escalada esportiva em rocha, na academia *indoor* existe uma série de *vias* e *boulders* com diferentes graus de dificuldade. Começando pela via branca, que é seguida da via amarela, vermelha, verde e azul. As vias são marcadas por movimentos numerados, podendo o praticante colocar as mãos somente nas *agarras* numeradas, mas estando livre para posicionar os pés onde melhor lhe convir. Na academia em que escalo, as vias possuem uma média de 35 movimentos e normalmente servem para treinar o que os praticantes chamam de

⁹ Devo dizer que, apesar de estar em contato com esta prática há dois anos, considero que minhas habilidades sejam de nível intermediário, pois não escalo semanalmente como outros escaladores.

¹⁰ “Na comunidade de escaladores, o grau de dificuldade de uma via de escalada é uma estimativa de esforço necessário para encadenar usando, por exemplo, a escala de dificuldade francesa que vai desde Vº até 9b+.” Disponível em: <<http://blogdescalada.com/graus-de-escalada-existe-um-metodo-cientifico-que-gradue-uma-via-de-escalada/>> Acesso: 17 jul. 2018.

¹¹ “Guiar uma via de escalada significa ter a iniciativa de abandonar a segurança que o chão fornece [...] Para poder subir uma determinada linha, conhecida ou não, é necessário escalar sem nenhuma corda vindo de cima [nesse caso utilizam-se equipamentos conhecidos como “costuras” que tem como objetivo criar pequenos pontos de segurança ao longo da via]”. Disponível em: <<http://blogdescalada.com/guiar-uma-via-de-escalada/>> Acesso em: 17 jul. 2018.

¹² Pessoa responsável por conferir segurança ao escalador.

resistência. Já os *boulders*, que também variam em grau de dificuldade do nível branco ao azul, têm o objetivo de treinar força, bem como movimentos atléticos e precisos, e tendem a demandar movimentos mais explosivos. Geralmente contam com uma média de cinco a dez movimentos e têm a restrição de que tanto mãos e pés devem tocar somente as *agarras* previamente demarcadas¹³.



Imagem 2: Muro de escada da academia *indoor*.

¹³ É preciso frisar que o relato de como se dá a dinâmica da escalada *indoor* está fortemente baseado em uma academia de escalada específica de Florianópolis e que não pode ser amplamente generalizado. Outras academias também possuem sistemas de gradações de dificuldade de vias, podendo variar conforme a organização de seu espaço físico. Academias maiores tendem a ter uma maior variedade de *vias* e *boulders*.

Curiosos e entusiastas podem alugar uma sapatilha e um saco de magnésio e pagar o valor de uma diária¹⁴ para escalar na academia. É possível contar com dicas específicas de instrutores responsáveis sobre a “leitura correta do muro” e sobre os modos de se movimentar o corpo por entre agarras. Entretanto, é bastante comum que as pessoas que já escalem há mais tempo convidem seus amigos para experimentar o esporte ou, até mesmo, ajudem os estranhos recém chegados a se lançarem no muro. Para além das questões de corpo, certamente é possível observar todo um *ethos* (BATESON, 2016) que envolve a prática da escalada. Assim como a academia em si parece capaz de compor seu próprio *ethos*. Pois, além do muro de escalada, o espaço conta com um bar que vende bebidas e lanches e permite que olhares curiosos sejam atraídos para aquelas pessoas que se movem muros acima, por vezes até mesmo inclinadas de modo negativo¹⁵, desafiando a força da gravidade, com mãos e roupas sempre sujas de magnésio.

A questão do gênero na escalada

Não é incomum reparar em corpos esguios e magros escalando, quanto mais leve a pessoa for, melhores as condições de suportar o próprio peso ela terá. No mesmo espaço estão sempre escalando tanto pessoas mais experientes, quanto novatos, cada um atento ao desenvolvimento de suas próprias habilidades de força e equilíbrio conforme o desafio que cada via propõe. Como já mencionei anteriormente, a escalada se trata de um esporte bastante dominado por homens, de modo que num dia comum de escalada na academia é possível haver de seis a dez homens escalando e apenas uma ou duas mulheres. Conforme me relatou um dos instrutores da academia, a escalada se trata de uma prática que exige *força de tendão*. Parte nossa do corpo muito pouco utilizada no dia a dia, de modo que se um homem e uma mulher, de tipos físicos semelhantes, darem início à prática ao mesmo tempo, devem possuir condições de evolução na prática¹⁶ muito semelhantes.

¹⁴ Diária que atualmente custa R\$25,00, podendo chegar a R\$30,00 caso a pessoa não possua sapatilha própria e precise alugar este equipamento.

¹⁵ Negativo: inclinação na rocha maior do que 90°. Geralmente encontrada em vias difíceis, que exigem muita técnica do escalador. Disponível em: <<http://www.trilhaseaventuras.com.br/termos-tecnicos-usados-na-escalada/>> Acesso em: 17 jul. 2018

¹⁶ Os termos “evoluir na prática”, “empedrar”, “abrir a mão”, “mandar vias” etc são categorias nativas que compõem o vocabulário de muitos escaladores.

É esta possibilidade de desenvoltura equiparada no esporte que chama a minha atenção para a atitude comportamental de homens e mulheres que estão escalando pela primeira vez na academia que costumo frequentar, semanalmente, há mais de um ano. Por diversas vezes, presenciei homens se lançarem ao muro de escalada de modo, aparentemente, destemido. Apostando na força de seus bíceps e tríceps, abusam dos movimentos de braço e, quando caem, costumam ter o ar surpreso de quem percebeu que o esporte pode demandar muito mais de uma força não costumeira de antebraços, mãos e dedos. É comum o antebraço dos praticantes novatos “empedrar” devido ao excesso de ácido láctico liberado pelo esforço excessivo e fazer com que a “mão abra” e a força falte. Movimentos de alongamento e soltura, intercalados com descanso, devem ser aplicados para que a musculatura relaxe e o praticante possa retornar ao muro.

A questão é que a escalada é considerada um esporte completo, que exige de todas as partes do corpo. Da ponta dos dedos do pé, até a pontinha dos dedos da mão. Força de perna, movimentos de joelho e quadril, abdômen contraído, bem como uma musculatura de costas e braços fortalecidos são desenvolvidos e requisitados. Para além de força também é preciso *técnica*. Saber movimentar corretamente os pés pela parede pode garantir a economia de energia necessária nos movimentos de braço. Ou seja, apostar em demasia na força braçal pode cansar o praticante muito antes do necessário, impedindo que ele, ou ela, continue “mandando o maior número de vias” possível.

Porém, para além da força, da técnica, do equilíbrio e da flexibilidade, não é incomum que os praticantes considerem a escalada também uma “atividade mental” que exige atenção e concentração. Frequentemente é possível assistir aos escaladores observando o muro enquanto mimificam os movimentos que deverão realizar e, portanto, ensaiam soluções aos problemas que terão de resolver durante a escalada. É como se escalassem mentalmente a *via* antes de realizarem o esforço físico propriamente dito.

É justamente esta questão da “escalada mental”, ou seja, da resolução de um problema que visa combinar uma série de movimentos corporais, ao mesmo tempo em que distribui o peso do corpo entre pernas, quadril e braços que chama a minha atenção para a atuação das escaladoras mulheres novatas. Pois, por diversas vezes, ouvi mulheres dizendo não acreditar serem capazes de subir no muro, desprovidas de forças que eram. Certamente não é possível generalizar que todas as mulheres duvidem de sua capacidade de força

corporal, bem como que todos os homens *não* duvidem de sua capacidade de força diante de um muro de escalada ou de uma rocha.

Entretanto, um questionamento comigo ainda permanece, se tanto homens quanto mulheres possuem, ao menos teoricamente, capacidades fisiológicas e anatômicas equiparadas no momento em que escalam pela primeira vez, o que faz com que homens pareçam se lançar de modo mais destemido ao muro, enquanto mulheres observam o feito com muito mais cautela, aparentemente, reticentes com relação às suas próprias capacidades físicas? *Ou seja, o que faz com que homens e mulheres tenham percepções de força diferentes sobre seus corpos e como tais percepções se materializam a ponto de influenciar na construção de corpos mais ou menos fortes, anatomicamente falando?*

É senso comum entre alguns escaladores que, em geral, as mulheres se desenvolvem melhor tecnicamente do que os homens na medida em que avançam de modo contínuo na prática da escalada. Inicialmente, não se sentindo confiantes em apostar na força de seus bíceps e tríceps, e não podendo abusar da força dos tendões que ainda se desenvolvem, tendem a aprender rapidamente como melhor movimentar pés e pernas e, assim, garantir mais tempo de escalada sem “empedrar” antebraços de modo que a força inicial que, aparentemente, “falta” às mulheres escaladoras tende a ser rapidamente aplacada pelo aprimoramento das técnicas de jogo de corpo.

O corpo como um ponto de partida

Como aponta Csordas (2008), o corpo é de fato um bom ponto de partida para se pensar a cultura e o sujeito. Para Merleau-Ponty (apud CSORDAS, 2008), a percepção começa no corpo e termina nos objetos. Ou seja, "...no nível da percepção, não existem objetos, nós simplesmente estamos no mundo" (idem, p. 41). E o que significa estar no mundo a partir de um corpo biologicamente definido como de mulher?

Essa adaptação constante a um objetivo físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é efetuada numa série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio *mas toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa* (grifo meu, MAUSS, M. 2017, p. 428).

O fato de um corpo ser classificado como de mulher coloca-o em um lugar de feminilidade para o qual será educado e, conseqüentemente, moldado. Ou, como considera Butler (2011), construído *materialmente* também pelo discurso. Acredito que é esta educação, que surge a partir de uma matriz diferencial da materialidade do sexo, que irá - de modo iterativo - construir corpos mais ou menos fortes.

In this sense, then, “sex” not only functions as a norm, but is part of a regulatory practice that produces the bodies it governs, that is, whose regulatory force is made clear as a kind of productive power, the power to produce—demarcate, circulate, differentiate—the bodies it controls (BUTLER, 2011, paginação irregular).

Assim como Mauss (2017) pede licença à Biologia para tratar das técnicas do corpo, peço também eu licença para deliberar sobre a *construção da percepção de força* e da *materialização desta percepção* em corpos que recaem na dicotomia homem x mulher. Os debates acerca do dualismo natureza x cultura são antigos na discussão antropológica, assim como dentro da perspectiva de uma antropologia feminista. A meu ver, é preciso ter cuidado tanto com o determinismo biológico, quanto com o construtivismo exacerbado do discurso. Quando me proponho a refletir acerca dos modos como se dá a construção da percepção de força entre homens e mulheres iniciantes na prática de escalada, bem como olhar para os modos como a *valência diferencial dos sexos* pode, ou não, colaborar para os processos de materialização de corpos mais ou menos fortes, anatomicamente falando, estou invariavelmente tocando em dicotomias como natureza x cultura, feminino x masculino, corpo x mente. A respeito da *valência diferencial dos sexos*, aponta Héri-tier (1996):

Ao procurar saber de onde poderia provir esta 'valência diferencial dos sexos', quais seriam os fenômenos primeiramente tomados em consideração para explicar a sua presença universal, cheguei à conclusão hipotética de que se trata menos de um *handicap* do lado feminino (fragilidade, menor peso, menor figura, vantagem da gravidez e do aleitamento) que dá expressão de uma vontade de controle da reprodução da parte daqueles que não dispõem desse poder tão particular (grifo da autora, *idem*, p. 25).

O paradigma da corporeidade proposto por Merleau-Ponty (apud CSORDAS, 2008) visa colapsar tais dualidades. Assim como o pensamento de Butler (2011) se propõe a denunciar a dicotomia sexo x gênero também como uma forma de tentar escapar desta operação enrijecida do pensamento. Encontrar modos de colapsar dualismos e dicotomias certamente é uma questão teórico-metodológica bastante complexa que, infelizmente, este ensaio não possui fôlego suficiente para abordar em profundidade. Entretanto, me parece de extrema importância marcar o fato de que este debate não foi esquecido e que, para dar conta da reflexão aqui proposta, foi necessário definir algumas linhas de pensamento a se percorrer.

Retornando ao paradigma da corporeidade de que fala Csordas (2008), este se caracteriza pelo colapso das dualidades entre corpo e mente, sujeito e objeto. Ou seja, olha-se para o corpo não como objeto a ser estudado em relação à cultura, mas como sujeito da cultura, a base existencial da cultura. Se “... os nossos corpos podem se tornar objetificados por processos de reflexão” (idem, p. 141) e são a base existencial da cultura, o que podem os corpos de escaladores de homens e mulheres nos revelar acerca das técnicas corporais que operam e vem operando desde nossa infância? Que questões sobre experiência e percepção podem ser colocadas pela corporeidade?

Se o nariz de um enólogo (LATOURE, 2008) é construído por meio de técnicas que educam seu olfato a ampliar sua percepção de cheiros a ponto de saber diferenciá-los, por que não podemos pensar os modos como a percepção de força também se constrói por meio de uma série de técnicas corporais ontologizadas pelo sexo. Seria muito arriscado dizer que a percepção dos modos como diferentes técnicas corporais são aplicadas ao longo de nossas vidas, por vezes, são apagadas e, portanto ontologizadas a ponto de nos fazer crer que exista uma "força natural" do corpo masculino que inexistiria no corpo feminino?

Tomo *o corpo no mundo* como ponto de partida da percepção, porém não sem deixar de refletir que este passa por ações e processos normativos que irão corporificar tais percepções. Olhar para como se dá a materialidade do corpo significa exercitar o olhar sobre o corpo não como coisa dada, mas que se produz de modo constante e iterativo conforme as práticas que o circunscrevem. Invariavelmente, parece ser impossível escapar

da discussão sujeito-objeto quando se trata de debater e pensar a questão da construção de corpo, pois que este é tanto objeto quanto sujeito que age e, ao mesmo tempo, sofre a ação.

Esclarecendo alguns pontos do debate

O que me ocorre, então, é o seguinte: tivesse eu sido educada de um modo que escapasse às questões de feminilidade, ou seja, tivesse eu sido estimulada a correr mais quando criança e não tivesse eu me visto cerceada a subir em árvores por estar vestida com vestidos recheados de camadas de pano, teria eu outro corpo? Eu tendo um outro corpo, perceberia minha própria força de um outro modo e teria encarado o desafio da escalada em rocha pela primeira vez com mais confiança em minhas habilidades?

A partir da filosofia de Butler (2011) compreendo que a materialidade do sexo produz a diferença que nos leva à produção das diferenças de gênero, estas, por sua vez, também são impregnadas de um *poder produtivo* que, de modo iterativo, produz um sexo feminino, bem como um sexo masculino. Existe aí um discurso que, ao mesmo tempo em que se funda a partir da *materialidade*, também produz materialidades. Assim, proponho pensar que a materialidade da diferença é corporificada e que os modos de corporificação podem nos dar pistas de como a percepção da força se dá entre sujeitos.

É do senso comum ouvir que homens são “naturalmente” mais fortes que mulheres e que, portanto, são mais adeptos a atividades que demandam de força muscular. Até certo ponto, acredito que somos capazes de facilmente observar tal diferença e tomá-la como fato. Entretanto, gosto de refletir sobre até que ponto um certo acúmulo de técnicas corporais desenvolvidas de modo diferencial desde a nossa infância não fez de corpos dados como masculinos, corpos de maior força anatômica e corpos dados como femininos, corpos menos fortes, pois menos expostos ao desenvolvimento de técnicas corporais anatômicas de força.

Considerações finais

Este ensaio, escrito de modo bastante exploratório, teve como intuito exercitar a aplicação do conceito de *corporeidade* proposto por Csordas (2008), a partir da observação

de *técnicas corporais* desenvolvidas através da prática do esporte de escalada em rocha e em academias *indoor*. Por um lado, inspirado no conceito da *valência diferencial dos sexos* proposto por Héritier (1996), olhou para a diferença biológica entre os sexos que se transforma em discurso simbólico quando implicada a construção de uma percepção de que homens são mais fortes do que mulheres e, por isso, mais propensos a se identificarem com a realização de atividades que demandam de força corporal anatômica, como é o caso do esporte da escalada.

Porém, por outro lado, inspirado no pensamento de Butler (2011) que olha para a *materialidade do sexo* e denuncia os processos de ontologização deste e, conseqüentemente, o apagamento dos processos de construção das relações impregnadas de poder, procurou-se olhar para aquilo que é visto como natureza (neste caso em específico, a força anatômica do corpo), como algo que também é construído.

Acredito que o esporte de escalada se mostra como um excelente campo para pensar o corpo e, a partir deste, o estar e o operar no mundo. Estabelecemos relações através de corpos sexuados marcados pela diferença, significamos simbolicamente tais diferenças e nossas relações, imprimimos cultura em nossos corpos, mas também usamos destes para materializar cultura. Por meio da reflexão fazemos de nossos corpos, mais que objetos, fazemos destes, sujeitos capazes de materializar novas relações que colocam, se não em cheque, pelo menos em suspenso, crenças de que exista uma certa natureza “dada”.

Referências Bibliográficas

BATESON, Gregory. **Naven**. Um esboço dos problemas sugeridos por um tratado compósito, realizado a partir de três perspectivas da cultura de uma tribo da Nova Guiné. São Paulo: edUSP, 2006.

BREDER, D. **Françoise Hérítier & Pierre Bourdieu**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of ‘sex’**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2011.

CSORDAS, Thomas. **A Corporeidade como um Paradigma para a Antropologia**. In: Corpo/Significado/Cura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A Pesquisa Antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas.** In: CARDOSO, Ruth. (ed.) A Aventura Antropológica. São Paulo/SP: PAZ E TERRA, 1986.

HERITIER, Françoise. **Masculino, Feminino: O Pensamento da Diferença.** Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1996.

LATOUR, Bruno. **“Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência”.** In: Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência. Org: João Arriscado Nunes e Ricardo Roque. Edições Afrontamento, 2008.

MALUF, Sônia Weidner. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas.** Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, [S.l.], v. 9, n. 9, p. pp. 87-101, jan. 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Tradução: Paulo Neves. 1º Edição, São Paulo: Ubu Editora, 2017.

R. SZTUTMAN & S. NASCIMENTO. **Antropologia de corpos e sexos: entrevista com Françoise Héritier.** REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, V. 47 N° 1, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia.** São Paulo: Edusp, 2000.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia.** História Oral, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.-dez. 2012.